

Researching documents on the history of Hansen's disease in Brazil

Pesquisa documental sobre a história da hanseníase no Brasil

Vicente Saul Moreira dos Santos

Pesquisador do ILA Global Project on the History of Leprosy da
International Leprosy Association, vinculado a Unit for the
History of Medicine da Oxford University
Caixa Postal 3263
20001-970 Rio de Janeiro — RJ Brasil
vsaul@uol.com.br

SANTOS, S. M. dos: 'Researching documents on the history of Hansen's disease in Brazil'. *História, Ciências, Saúde — Manguinhos*, vol. 10 (suplement 1): 415-26, 2003.

This article corresponds to part of the results of a research on leprosy-related sources developed in several institutions in the city of Rio de Janeiro. At Real Gabinete Português de Leitura, Arquivo Nacional and Biblioteca Nacional, books, indexes, official documents and photos on the administration of leprosaria and articles on the treatment of the disease have been investigated. At Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC-FGV), several files have been researched, mainly those with information the health policies of the first Vargas administration (1930-1945). This research is part of the International Leprosy Association Global Project on the History of Leprosy. Its results can be accessed at the site <http://www.leprosyhistory.org>.

KEYWORDS: *leprosy, memory, history of public health, public health policies, medical press.*

SANTOS, S. M. dos: 'Pesquisa documental sobre a história da hanseníase no Brasil'. *História, Ciências, Saúde — Manguinhos*, vol. 10: (suplemento 1): 415-26, 2003.

Este trabalho apresenta resultados parciais de uma pesquisa sobre fontes relativas à lepra, realizada em diversas instituições da cidade do Rio de Janeiro. No Real Gabinete Português de Leitura, no Arquivo Nacional e na Biblioteca Nacional foram pesquisados livros, índices, ofícios e fotografias sobre administração de leprosários e artigos sobre o tratamento da doença. No Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC-FGV) foram consultados diversos arquivos, destacando-se as informações referentes à política de saúde adotada durante o primeiro governo Vargas (1930-45). A pesquisa integra o acervo da International Leprosy Association Global Project on the History of Leprosy, e os resultados podem ser consultados no site <http://www.leprosyhistory.org>.

PALAVRAS-CHAVE: lepra, memória, história da saúde pública, política de saúde pública, imprensa médica.

A enfermidade que constitui o objeto do presente artigo e da pesquisa que lhe serve de base — a lepra — tem muitos sinônimos no Brasil (como morfêia, hanseníase, elefantíase-dos-gregos). São igualmente várias as possibilidades de pesquisa a seu respeito, assim como são muitas as instituições que podem ser consultadas na busca de material

de referência. Apresentam-se a seguir algumas fontes pesquisadas em arquivos e bibliotecas localizados na cidade do Rio de Janeiro, importando ressaltar que não existe, no material coletado, qualquer tipo de homogeneidade de informações. Mas é justamente essa diversidade que por vezes se torna interessante para o estudo de um tema como este.

O trabalho aqui exposto encontra-se ainda em andamento e constitui o acervo do International Leprosy Association Global Project on the History of Leprosy, sediado na Universidade de Oxford, na Inglaterra. As informações aqui brevemente sistematizadas estão disponíveis no site <http://www.leprosyhistory.org>, bem como dados coligidos em diversos países do mundo.

Em levantamento realizado no Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro foram encontrados alguns livros sobre a lepra. A obra *Cura da morphêa*, de Antonio Aguiar, traz um longo histórico da enfermidade, além de informações sobre diversos estágios, diagnóstico, prognóstico e tratamento. Contém informações detalhas sobre sete pacientes aos quais o próprio autor atendeu no Hospital dos Lázaros do Rio de Janeiro, e, ao final inclui um capítulo sobre a recepção que as teorias de Broussais tiveram no Brasil.¹

No Arquivo Nacional foram localizados alguns documentos que versam sobre três casos. O primeiro deles é o pedido feito em maio de 1864 por um 'médico' (não de formação, mas com conhecimentos adquiridos na prática) e endereçado ao imperador Pedro II, no sentido de autorizar o teste de métodos de cura em um hospital da Corte. Alegava, para ser atendido, que teria curado alguns pacientes com lepra na província do Rio de Janeiro. Junto com o pedido anexavam-se depoimentos que supostamente comprovam a alegação.²

O segundo (datado de outubro de 1828) tratava do Hospital dos Lázaros do Rio de Janeiro, e pedia ao imperador Pedro I que autorizasse o aumento da guarda no local; o outro ofício, assinado pelo marquês de Caravelas (secretário de Estado dos Negócios do Império), destacando que os pacientes da instituição eram maltratados pelo médico cirurgião e pelos funcionários, solicitava que a junta do hospital tomasse as medidas necessárias para solucionar a questão.

O terceiro trazia informações sobre a Santa Casa de Misericórdia de São João Del Rei (Minas Gerais), focalizando as instalações destinadas aos lázaros, entre os anos de 1879 e 1880; informava que essas dependências se localizavam no fundo do quintal da instituição e que os pacientes estavam separados segundo sexo, ressaltando ainda que

¹ Na mesma instituição foram encontrados outros livros sobre o assunto: *Considerações sobre o problema da lepra*, de Artur Neiva (1940); *Defendendo São Paulo e suas iniciativas no combate à lepra*, de Artur Neiva (1940); *Contribucion al estudio de la lepra anestésica: Quigila (Brasil) - Gafeira (Portugal)*, de Emilio Coni.

² Os documentos comprobatórios são de maio de 1856 e maio de 1864.

a construção precisava de reformas; o documento contém informações sobre o movimento de pacientes no hospital e dados sobre as finanças da instituição.

Outra etapa da pesquisa realizada no Arquivo Nacional voltou-se para a coleção de fotografias do periódico *Correio da Manhã*. A primeira pasta consultada tinha fotos das décadas de 1940 e 1950, de preventórios no Maranhão, no Ceará, na Paraíba e em Santa Catarina, registrando aspectos do cotidiano das crianças internadas e dos prédios das instituições. Na foto da Colônia Santa Isabel, em Minas Gerais, estavam mulheres internadas que possuíam possíveis marcas da enfermidade. Em outra fotografia podem-se ver as instalações do Leprosário de Itanhenga, no Espírito Santo. A outra pasta continha vinte fotos do Hospital-Colônia de Curupaiti que ilustravam uma matéria de jornal publicada em janeiro de 1972, com o intuito de denunciar o abandono dos internos e da própria instituição. As imagens mostravam algumas atividades realizadas no local — procurando atrair recursos —, os aspectos do cotidiano dos internos próximos às suas moradias e diversos ângulos das instalações da colônia. Pelas legendas das imagens foi possível saber que havia no período noventa e cinco internos e que uma das mulheres fotografadas estava na instituição desde 1935.

A Biblioteca Nacional mereceu especial atenção da pesquisa. Na seção de Obras Raras, foi encontrado um livro encadernado e com o brasão do Império, na qual Haddock Lobo apresentava um estudo sobre a mortalidade na cidade do Rio de Janeiro. Informava ele a naturalidade, o mês de falecimento e a idade dos pacientes; entre as doenças listadas estava a lepra, mencionando-se que haviam morrido 28 pessoas (homens e mulheres, escravos, libertos e brancos) dessa doença no Hospital dos Lázaros. A obra contém um quadro comparativo dos anos de 1845 e 1846 e traz um mapa com o diagnóstico das enfermidades.

Ainda na Biblioteca Nacional foram encontradas duas referências interessantes na seção de Iconografia. A primeira é um catálogo, *Saúde pública em Santa Catarina*, publicado pelo Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda de Florianópolis (1943-44). As fotos mostram a Colônia Santa Teresa, próxima de Florianópolis, e nelas podem-se ver as instalações, as residências, aspectos dos arredores, plantações, ruas e praças. Também há fotografias com a vista panorâmica e registros dos internos em atividades sociais. Algumas imagens eram do Educandário Santa Catarina, um preventório para os filhos de leprosos mantidos com recursos públicos e pela iniciativa privada, destacando-se o papel da Sociedade de Assistência aos Lázaros de Santa Catarina na manutenção da entidade. O outro documento era o *Projeto da leprosaria-modelo nos campos de Santo Ângelo: estado de São Paulo*,³

³ Projeto de autoria do construtor e arquiteto Adelardo Soares Caiuby e prefaciado por Artur Neiva, então diretor geral do Serviço Sanitário do Estado de São Paulo.

e nele consta que o trabalho havia sido viabilizado pela união da Associação Protetora dos Morféticos e da Santa Casa, com o apoio do governo de São Paulo. O documento apresenta plantas internas e fachadas das diversas instalações, habitações dos internos e dos funcionários, em escala 1:100. Além disso, encontra-se em anexo o 'Parecer da comissão encarregada de estudar a profilaxia da lepra no Brasil', assinado por Juliano Moreira e Fernando Terra, mencionando-se o contágio da lepra por mosquitos.

Na seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional localizou-se uma série de documentos. O primeiro grupo⁴ continha dados sobre a descoberta de uma planta da região amazônica que poderia ser usada no tratamento da lepra. Na segunda carta afirmava-se que os médicos do Rio de Janeiro haviam aplicado um remédio derivado daquela planta nos pacientes, sem qualquer resultado de cura, assinalando que a falta de provas podia estar vinculada à metodologia aplicada e à necessidade de um tratamento mais regular e prolongado.

Outra correspondência narrava o caso de um índio que teria usado uma substância obtida da açacu (substância conhecida como *Hura Brasiliensis de Martius* e original do Pará) no tratamento de um paciente com lepra em estágio avançado. Outra, ainda, consistia de um relatório que informava o alto índice de mortalidade no Hospital de Tucunduba, em Belém, na província do Pará, e as tentativas de cura com um preparado de açacu. O texto incluía a receita usada com açacu e os outros ingredientes.⁵

O segundo grupo de documentos versava sobre o Hospital dos Lázaros do Rio de Janeiro. Uma carta da administração expunha a situação decadente da instituição e pedia ajuda ao imperador Pedro I. Sublinhava também as dificuldades pelas quais passava a direção, em virtude da falta de recursos, da carência de funcionários — que recebiam baixos salários — e das péssimas instalações. Informava que as enfermarias agrupavam os pacientes por sexo, mas sem fazer diferenciação segundo idade, cor da pele ou grau da moléstia. Em diversos documentos sobre a situação do hospital encontravam-se listagens com dados sobre os doentes, um inventário dos bens móveis, uma relação de propriedades e prédios que constituíam o patrimônio, a receita e as despesas da instituição entre 1819 e 1829.

A pesquisa na Biblioteca Nacional teve ainda outra vertente: incluiu-se no projeto um levantamento minucioso sobre o registro da lepra nos jornais médicos do século XIX e das primeiras décadas do século XX (pertencentes à coleção de periódicos da biblioteca, na seção de Obras Raras). Entre os diversos temas encontrados nesse levantamento,

⁴ Manuscritos redigidos em Belém, na capitania do Pará, em 1806.

⁵ Documentos de dezembro de 1848, escritos em Belém, na província do Pará.

alguns recebiam maior atenção, como, por exemplo, a busca de substâncias que pudessem contribuir para a cura da enfermidade. Uma das tentativas relatadas foi a cura de alguns indivíduos por meio da aplicação, com pincel, de manteiga de antimônio (*Arquivo Médico Brasileiro*, 1845) sobre as feridas, que depois eram cobertas com folhas de bardana. Determinados artigos discutiam os efeitos curativos das águas termais de Caldas Novas no tratamento da lepra. O uso do guano em pacientes do Hospital de Nossa Senhora da Conceição dos Lázaros, em Recife, Pernambuco, foi objeto de interesse, mas não obteve bons resultados, como teria encontrado no Hospital dos Lázaros do Rio de Janeiro (Gama, 1847).

Outro texto ocupava-se do caso de uma paciente que teria sido amamentada por uma mulher com vírus boubático, e que, aos 14 anos, começara a apresentar sintomas diagnosticados como elefantíase. Após visitar diversos médicos, ela teve melhora com o tratamento realizado no Hospital dos Lázaros, a aplicação do suco da folha de fumo (*Nicotiana tabacum*) e outras substâncias vegetais (Raposo, 1848). Um artigo trazia um resumo do parecer apresentado e aprovado pela Academia de Ciências Médicas da Bahia, que expunha os resultados da pesquisa sobre o açacu (Pitta, 1848). O texto citava médicos que haviam aplicado a substância em alguns pacientes, além de apresentar relatos dos doentes que estavam sendo com ela tratados. Em outro artigo (Branco Junior, 1852), o autor noticiava que tinham sido realizadas diversas experiências com o açacu no tratamento da morféia, no Hospital de São Lazaro, em Lisboa, porque era preciso comprovar a capacidade de cura dessa planta. O tratamento prolongado dera resultados diferenciados entre os pacientes, e concluía-se que a substância poderia auxiliar na melhora, embora não tivesse poder de cura. Em nota, o médico do Hospital dos Lázaros, doutor Urzedo (1835), destacava que havia um xarope útil no tratamento da elefantíase-dos-árabes e dos gregos, além de informar sobre o uso do medicamento e de diversas outras substâncias em pacientes.

A situação do Hospital dos Lázaros em São Cristóvão foi objeto central de um artigo (Carvalho, 1846). Após uma visita ao local foram observadas as péssimas instalações, o sofrimento dos pacientes e a ineficácia dos tratamentos. Apontavam-se algumas providências que poderiam aliviar os males dos internos, tais como a separação por grau da moléstia, providências higiênicas para as instalações, aconselhando-se o uso experimental de plantas e de outras substâncias no tratamento.

Outro artigo (Sequeira, 1848) abordava a situação do Hospital dos Lázaros de Salvador, destacando que a instituição tinha 49 doentes acomodados em três enfermarias que os mantinham em condições higiênicas adequadas, mas que eles deveriam ir para um local mais afastado. Indicava também as dificuldades da administração em lidar com os pacientes e a pouca eficácia dos tratamentos. Por fim, sugeria

que os internos participassem de atividades que tivessem relevância física e mental.

Nos periódicos consultados encontraram-se também trabalhos que se centravam na discussão da doença, tais como o de J. D'Aquino da Fonseca (1847), publicado em quatro partes, que fazia um histórico da doença, descrevendo os seus vários tipos, sintomas, desenvolvimento, diagnóstico e prognóstico. Narrava ainda casos de pacientes que haviam sido curados em diversos locais com uso de diferentes substâncias.

Entre os artigos havia um relatório resultante da observação de 48 doentes com lesões oculares, nasais e auriculares do Hospital dos Lázaros no Rio de Janeiro, com descrições minuciosas dos casos em que esses efeitos haviam se desenvolvido, dados sobre os pacientes e tempo da doença. As lesões variavam de acordo com o local infectado, a intensidade, duração e influência sobre o organismo, e afirmava-se que elas seriam freqüentes na lepra (Mello *et al.*, 1888).

Alguns dos periódicos consultados tinham uma seção de resenhas (Homem, 1882). Entre as obras fichadas havia o livro *Morphéa no Brazil*, de José Lourenço de Magalhães, que, embora focalizando a província de São Paulo, trazia um amplo estudo sobre a enfermidade. O livro abordava algumas questões, como a composição do sangue, o contágio da moléstia, a evolução dos sintomas, as causas e as diversas opiniões brasileiras e internacionais sobre a lepra. Outra resenha (Moura, 1883) sobre o mesmo livro, publicada em duas partes, ressaltava a carência de bibliografia brasileira sobre aquela dermatose, destacando que as pesquisas a seu respeito estariam em fase inicial no país. Reuniam-se informações sobre as províncias do Império, concedidas por médicos e representantes locais, e afirmava-se que não havia muitos lugares apropriados para os doentes, pela pouca assistência prestada pelo Estado imperial, que não investia nem ao menos na devida manutenção das instituições já existentes. Registrava-se igualmente a inexistência de casos de lepra entre os índios, segundo informação colhida entre pessoas competentes, concluindo que a doença fora trazida ao Brasil proveniente de outros locais. Considerava-se que o capítulo referente à higiene deveria ser objeto de reflexão por parte das instâncias governamentais.

No Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC-FGV) foram consultados documentos de vários arquivos, tais como o de Getúlio Vargas, Anísio Teixeira, Oswaldo Aranha e Gustavo Capanema, sendo que neste último foram encontradas várias referências à lepra.

O Arquivo Capanema já foi bastante pesquisado, e há diversos livros nele baseados. Contudo, nessas obras, pouco se menciona a política médico-sanitária apoiada e desenvolvida por ele durante a sua permanência no Ministério da Educação e Saúde e como deputado federal. Foram localizadas correspondências, ofícios, relatórios, recortes

de jornal, artigos, fotografias, enfim, uma longa relação de documentos que servem para mapear não só as ações governamentais, mas sobretudo a interação entre a ação pública e entidades particulares e lideranças locais. Opiniões de médicos e toda uma gama de avaliações que representavam o panorama social no qual a lepra estaria inserida também podem ser recompostas a partir do Arquivo Capanema.

Embora diversos estudos, como Schwartzman (1983), afirmem que o combate à lepra no Brasil começou a ser implantado somente a partir do governo Getúlio Vargas (1930-45) e do período de Capanema (1934-45) no ministério, verificou-se que desde o século XVIII já havia sítios apropriados para abrigar os morféuticos. No período imperial e na Primeira República, houve ações públicas que atestam a existência de medidas relativas ao tratamento da lepra no país.

É fato que a manutenção dos abrigos e hospitais dos lázaros ficou por um longo período a cargo das ordens religiosas. Desde o Império, as autoridades declaravam que não tinham como arcar sozinhas com as despesas, acionando entidades particulares na manutenção e criação de abrigos. Este foi o caso, por exemplo, dos abrigos para crianças pobres e abandonadas (que tinham família mas estavam pelo menos em tese sob a responsabilidade do Juizado de Órfãos).

Essa prática perdurou por mais tempo, pois o próprio ministro Capanema determinou que a construção, manutenção e administração dos preventórios que cuidavam e recebiam as crianças filhas de leprosos ficariam a cargo de entidades particulares, principalmente da Federação das Sociedades de Assistência aos Lázaros e Defesa contra a Lepra.

A década de 1920⁶ foi marcada pela maior atuação do governo federal na causa da lepra, por meio da criação do Departamento Nacional de Saúde Pública e da inclusão da doença, pelos regulamentos sanitários, entre as enfermidades de notificação compulsória. O departamento criou a Inspeção de Profilaxia da Lepra e das Doenças Venéreas, que tinha como atividade principal a divulgação sobre a situação real da lepra no país. A ação da inspeção nos estados da federação dava-se por meio da antiga Diretoria de Saneamento Rural, em cooperação com os governos estaduais. Após a reforma pela qual passaram os serviços de saúde pública em 1934, a inspeção foi extinta, e suas atividades no Distrito Federal transferiram-se para a Inspeção dos Centros de Saúde; nos estados, elas passaram para a Diretoria dos Serviços Sanitários.

O maior legado em relação ao combate à lepra do governo Vargas foi justamente a sua sistematização, confirmada por uma série de informações. Em abril de 1937, por ocasião da inauguração do

⁶ Informações contidas em *Ligeiro histórico até 1935 (inclusive) – Realizações do Governo Federal*.

leprosário de Itanhenga,⁷ no Espírito Santo, em seu discurso, Gustavo Capanema afirmava que o programa federal contra a lepra consistia na organização da pesquisa⁸ e do censo de leproso em todo o país, que deveria considerar o número de doentes e as circunstâncias em que viviam. A terceira etapa⁹ era a administração dos serviços, com destaque para a importância da profilaxia e da terapêutica, sendo que este último ponto dividia-se em diagnóstico, isolamento e tratamento do infectado, vigilância sanitária e armamento antileproso (constituído por leprosários, dispensários, preventórios e órgãos de educação sanitária das massas). Afirmava ainda que o objetivo do governo Vargas era debelar completamente a lepra no país.

O Brasil teria um total de cinquenta mil leproso segundo um trabalho de Souza Araújo (1933) publicado na *Revista Médica-Cirúrgica do Brasil*. De acordo com os estudos, deveriam ser internados 76% dos doentes, e para isso o país precisava de um total de 43 leprosários.

Por meio da documentação consultada, pôde-se mapear a trajetória de vários leprosários, tais como o de Iguá em Itaboraí, no estado do Rio de Janeiro, e o de Itanhenga, no Espírito Santo. O arquivo Capanema contém referências sobre a escolha do local, as condições necessárias para a instalação, pareceres jurídicos e médicos sobre a situação da propriedade escolhida e discussões políticas sobre as obras. Lá estão igualmente informações sobre os exames de endemias na região, notícias a respeito da oposição das populações vizinhas, das instalações da colônia inaugurada, dos valores investidos e das fontes de recursos.

⁷ Boletim mimeografado, nº 3, *Combate à lepra*. O documento é uma publicação do Serviço de Publicidade do Ministério da Educação e Saúde.

⁸ A pesquisa sobre a lepra era realizada no Instituto Oswaldo Cruz e no Centro Internacional de Leprologia, que tinha sido organizado no Rio de Janeiro em 1934 pelo governo federal, com a cooperação da Sociedade das Nações e do benemérito Guilherme Guinle.

⁹ Anotação manuscrita de Gustavo Capanema.

Listagem de leprosários, preventórios, dispensários*

Estados / Território	Leprosário	Preventório	Dispensários
Rio Grande do Sul	Leprosário em Itapoã, próximo de Porto Alegre, início da construção, 1936. Leprosário junto ao Hospital de Isolamento São Jose em Porto Alegre, inaugurado em 1936.	Preventório Amparo Santa Cruz, em Porto Alegre.	
Paraná	Leprosário São Roque, próximo de Curitiba, inaugurado em outubro de 1926.	Educandário Curitiba, Escola Abrigo São Roque, inaugurado em 1927.	
Santa Catarina	Colônia Santa Teresa, em São José, próximo a Florianópolis.	Preventório Santa Catarina, em Florianópolis.	
São Paulo	Sanatório Padre Bento, em Guarulhos. Asilo-Colônia Santo Ângelo, em Mogi das Cruzes, inaugurado em maio de 1928. Asilo-Colônia Pirapitingui, próximo de Itu e Sorocaba. Asilo-Colônia Cocaes, próximo de Casa Branca. Asilo-Colônia Aimorés, próximo a Bauru. Asilo Santa Teresinha, em Carapicuíba, inaugurado em 1927. Asilo do Guapira.	Preventório de Jacareí.	Dispensários em São Paulo, capital: um no Braz; um no Bom Retiro; um em Jaçanã; Dispensário da Lapa; Dispensário Santo Ângelo; Dispensário de Campinas; Dispensário de Presidente Prudente; Dispensário de Rancharia.
Rio de Janeiro	Colônia de Iguá, em Itaboraí, inaugurado em abril de 1936. Colônia Tavares Macedo.	Educandário Vista Alegre, em Niterói.	Dispensário em Niterói. Lazareto da Ilha Grande. Dispensário em Campos.
Distrito Federal – Rio de Janeiro	Hospital dos Lázaros, em São Cristóvão, fundado em 1744, próximo à Santa Casa de Misericórdia e instalado em São Cristóvão em 1766. Hospital-Colônia de Curupaiti, em Jacarepaguá, inaugurado em outubro de 1928. Hospital Frei Antônio.	Preventório Recanto Feliz, inaugurado em maio de 1936. Educandário Santa Maria.	Doze dispensários anexos aos 12 centros de saúde.
Minas Gerais	Sanatório Roça Grande, Santa Casa de Misericórdia de São João Del Rei. Colônia Santa Isabel, próxima de Belo Horizonte, inaugurado em dezembro de 1931. Hospital dos Lázaros de Sabará, inaugurado em 1883. Colônia São Francisco de Assis. Colônia de Bambuhy, início da construção em 1936. Colônia Padre Damião, em Ubá. Colônia Santa Fé, em Três Corações.	Preventório São Tarcisio, próximo de Belo Horizonte. Preventório Aprendizado Técnico Profissional em Belo Horizonte. Educandário Carlos Chagas, em Juiz de Fora. Creche de Belo Horizonte. Educandário Olegário Maciel, em Varginha.	Dispensário em Belo Horizonte.

Estados / Território	Leprosário	Preventório	Dispensários
Goiás	Colônia Santa Maria, próximo de Goiânia, início da construção em 1937.	Educandário Afrânio Azevedo, em Goiânia.	Abrigo Helena Bernard, em Catalão. Abrigo na Ilha do Bananal. Abrigo em Anápolis. Dispensário Rio Verde.
Espírito Santo	Leprosário de Itanhenga, próximo de Vitória, inaugurado em abril de 1937.	Preventório Alzira Bley, em Vitória. Preventório Itanhenga.	Dispensários em Calçado, Mimoso, Muqui, Cachoeira de Itapemirim, Alegre, Affonso Cláudio, Colatina e Vitória.
Mato Grosso	Leprosário São João dos Lázarus, próximo de Cuiabá, inaugurado em 1816. Leprosário em Botas, próximo de Campo Grande, início da construção em 1937. Colônia São Julião.	Preventório de Cuiabá. Educandário Getúlio Vargas, em Campo Grande.	
Bahia	Leprosário D. Rodrigo de Menezes, em Salvador, inaugurado em 1787. Leprosário de Águas Claras, próximo de Salvador, início da construção em 1937.	Preventório Águas Claras, em Salvador. Educandário Eunice Weaver, em Salvador.	
Sergipe	Colônia Lourenço Magalhães, em Aracaju, início da construção em 1937.	Educandário São José, em Aracaju.	
Alagoas	Colônia Eduardo Rabelo, em Maceió, início da construção em 1937.	Educandário Eunice Weaver, em Maceió.	Dispensário em Maceió.
Pernambuco	Hospital dos Lázarus de Recife, inaugurado em 1789. Leprosário da Mirueira, próximo de Recife, início da construção em 1936.	Preventório São Francisco de Assis, em Recife. Instituto Guararapes, em Recife.	Dispensário em Recife.
Paraíba	Colônia Getúlio Vargas, em Rio do Meio, próximo a João Pessoa.	Preventório Eunice Weaver, em João Pessoa, início da construção em 1938.	
Rio Grande do Norte	Leprosário Vila São Francisco de Assis, próximo a Natal, inaugurado em janeiro de 1929.	Educandário Oswaldo Cruz, em Natal.	
Ceará	Leprosário Antônio Diogo, em Cannafistula, inaugurado em agosto de 1928. Colônia São Bento, próximo a Fortaleza, início da construção em 1937. Colônia Antônio Justo.	Educandário de Hansenianos Eunice Weaver, em Maranguape. Preventório Silva Araújo, em Cannafistula	Dispensário Gustavo Capanema, em Fortaleza.
Piauí	Hospital de São Lázaro em Parnaíba, inaugurado em 1931. Colônia Carpina.	Preventório de Teresina. Educandário Padre Damião.	

Estados / Território	Leprosário	Preventório	Dispensários
Maranhão	Hospital dos Lázaros de Gavião, em São Luís. Colônia do Bonfim, próximo de São Luís, inaugurado em outubro de 1937.	Educandário de Hansenianos Eunice Weaver. Educandário Santo Antônio, em São Luís.	Dispensário em São Luís.
Pará	Hospital de Tocunduba, em Belém, inaugurado em 1816. Lazarópolis do Prata, em João Pessoa, a 150 km de Belém, inaugurado em junho de 1924. Asilo Santa Teresinha, em Belém, inaugurado em janeiro de 1931. Colônia de Marituba, próximo de Belém, início da construção em 1937. Leprosário no Tocantins, início da construção em 1938. Leprosário no Baixo Amazonas, início da construção em 1938. Asilo Frei Gil Vilanova.	Educandário Eunice Weaver, em Belém.	Dispensário em Belém.
Amazonas	Leprosário Belisário Penna, em Manaus, inaugurado em julho de 1930. Asilo em Paricatuba, inaugurado em julho de 1930. Colônia Antônio Aleixo. Leprosário do Umirisal.	Abrigo Menino Jesus (Preventório Alice Salles), em Manaus, inaugurado em 1929. Educandário Gustavo Capanema, em Manaus.	Dispensário Oswaldo Cruz, em Manaus.
Acre (território)	Leprosário Souza Araújo, próximo de Rio Branco. Leprosário em Sena Madureira, início da construção em 1938. Leprosário de Cruzeiro do Sul, início da construção em 1938.	Educandário Santa Margarida, em Rio Branco.	

* Este levantamento encontra-se ainda em fase de construção.

Fonte: Documentos diversos do Arquivo Capanema, CPDOC-FGV.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abreu, Alzira Alves; Lattman-Weltman, Fernando e Lamarão, Sergio Tadeu de Niemeyer (coord.) 2001 *Dicionário histórico-biográfico brasileiro — pós-1930*.
- Aguiar, Antonio 1898 *Cura da morpbéa*. Rio de Janeiro, Typographia do Jornal do Commercio.
- Souza Araújo, Heraclides César de Souza nov. 1933 'Plano geral de campanha contra a lepra no Brasil'. *Revista Médica-Cirúrgica do Brasil*, ano XLI, nº 11.

- Arquivo Medico Brasileiro 1845 'Cura de elephantiasis dos gregos por meio da manteiga d'antimonia'. *Arquivo Medico Brasileiro*, t. I, nº 7.
- Branco Junior, José Maria Alves 1852 *Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana*, 24 de maio de 1850. Publicado na *Gazeta dos Hospitais do Rio de Janeiro*, 1º de fevereiro, ano II, nº 23.
- Caiuby, Adelardo Soares 1918 *Projecto da leprosnria modelo nos campos de Santo Ângelo: estado de São Paulo*. São Paulo, Editora Riedel.
- Carvalho, Maximiano Marques de jul. 1846 'Huma visita ao Hospital dos Lázaros'. *Arquivo Médico Brasileiro*, t. II, nº 11.
- Fonseca, J. D'Aquino da. mar.-ago. 1847 'Memória acerca das diferentes espécies de lepra com algumas reflexões críticas fundadas na observação'. *Arquivo Médico Brasileiro*, t. III, nº 7-12.
- Gama, Antônio Pinto Chichorro da abr. 1847 'Resultado das experiências feitas com o guano no Hospital dos Lázaros'. *Arquivo Médico Brasileiro*, t. III, nº 8.
- Gomes, Ângela de Castro (org.) 2000 *Capanema: o ministro e seu ministério*. Rio de Janeiro, FGV/Universidade São Francisco.
- Haddock Lobo, Roberto Jorge 1848 *Reflexões acerca da mortalidade da cidade do Rio de Janeiro em todo o ano de 1847*. Rio de Janeiro, Typographia Imparcial de Francisco de Paula Brito.
- Homem, Torres 31.8.1882 'Seção bibliographia'. *Gazeta Médica Brasileira*, ano I, nº 12.
- Mello, Guedes de et al. jan.-jun. 1888 'Lesões oculares, nasaes e auriculares da lepra'. *Revista Brasileira de Ophthalmologia*, ano I (Publicado no periódico *Monatshefte für Praktische Dermatologie* de Leipzig [1887] e traduzido por Adolpho Lutz).
- Moura, Julio de jul.-ago. 1883 'Reflexões a respeito da obra do senhor dr. José Lourenço de Magalhães sobre *A morpbéa no Brazil*, especialmente na província de São Paulo'. *União Médica*, ano III, nº VII-VIII.
- Pitta, M. A. de M. Albuquerque set.. 1848 'Parecer sobre o assacu'. *Arquivo Médico Brasileiro*, t. IV, nº 12.
- Raposo, J. M. fev. 1848 'Observação de um caso de elephantiase dos gregos'. *Arquivo Médico Brasileiro*, t. IV, nº 5.
- Schwartzman, Simon (org.) 1983 *Estado Novo, um auto-retrato*. Brasília, Editora da UnB. Coleção Temas Brasileiros, nº 24.
- Schwartzman Bomeny, Helena e Costa, Vanda Maria 2000 *Tempos de Capanema*. Rio de Janeiro, Paz e Terra/FGV.
- Sequeira, José de Goés set..1848 'Algumas considerações sobre o Hospital dos Lázaros da cidade da Bahia'. *Arquivo Médico Brasileiro*, t. IV, nº 12.
- Souza Araújo, Urzedo, doutor out.. 1835 'Xarope anti-elephantiaco ou anti-erisipelatoso'. *Revista Médica Fluminense*, vol. I, nº 7.